

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1998). “Produção lexical, exterioridade e sentido” in MARI, Hugo et alii (org.) **Fundamentos e dimensões da análise do discurso** . Belo Horizonte: Carol Borges Editora / Núcleo de Análise do Discurso-FALE-UFMG, 1999: 269 - 286.

Produção lexical, exterioridade e sentido

LUIZ CARLOS TRAVAGLIA

1. Introdução

No estudo da formação de palavras pela Morfologia, uma das grandes questões sempre foi fazer a previsão: a) das palavras que poderiam se formar e a razão pela qual, efetivamente, se formavam ou não se formavam, apesar de possíveis; b) do significado que teriam as palavras formadas.

Nos estudos tradicionais e estruturalistas, a preocupação com a formação de palavras tinha um sentido mais passivo (Basílio, 1987), entendendo-se por isto a preocupação com o como as palavras estavam constituídas, quais os seus componentes (para os estudos tradicionais: raízes, radicais, vogais temáticas, prefixos e sufixos; para os estudos estruturalistas: morfemas, semantemas e afixos) e via-se o significado do item lexical criado como resultado da soma dos significados de seus constituintes e a maneira como os mesmos estavam combinados.

Com a teoria gerativo-transformacional, a formação de palavras passou a ter um sentido mais ativo através da noção de competência lexical que, além do conhecimento: a) de uma lista de entradas lexicais e b) da estrutura interna dos itens lexicais, bem como das relações entre os vários itens, incluía também o conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais gramaticais novas e rejeitar as agramaticais (Basílio, 1987: 8,9).

A partir da noção de competência, foram propostas as regras de formação de palavras (R.F.Ps) que constituiriam a capacidade do falante de formar palavras a partir de uma lista de constituintes disponíveis. Exemplos destas regras seriam as apresentadas em (1) e (2).

- | | | |
|-----|---|----------------------|
| (1) | a) [X] subst. ([[X]subst + _EIRO] subst. | pedra (pedreiro) |
| | b) [X] verbo ([[X]verbo + _EIRO] subst. | cortar (cortadeira) |
| | c) [X] subst. ([[X]subst + _EIRO] adj. | arte (arteiro) |
| | d) [X] verbo ([[X]verbo + _EIRO] adj | passar (passageiro) |
| (2) | a) [X] subst. ([[X]subst + _ADA] subst. | pedra (pedrada) |
| | b) [X] verbo ([[X]verbo + _ADA] subst. | caçar (caçada) |

Como muitas vezes palavras que poderiam ser formadas pelas R.F.Ps não se formavam, foram propostos mecanismos que buscavam explicar porque isto acontecia. Alguns desses mecanismos são: a) os filtros, propostos por Halle (1973) com função de dar a cada item os traços idiossincráticos que se encontram no conjunto real de palavras da língua, sem contudo especificar como seriam tais filtros o que tornava a proposta vazia; b) o bloqueio (pelo qual uma palavra não se forma se já houver outra com a mesma função na língua), as restrições morfológicas e a idéia de que a R.F.P seria produtiva proporcionalmente à sua coerência (transparência) semântica, ou seja, quanto mais previsível for o significado das palavras formadas por uma R.F.P, tanto mais produtiva ela será (propostas de Aronoff (1976)) ; c) em Travaglia (1979), estudando a produtividade da R.F.P que forma substantivos abstratos a partir de adjetivos com sufixos tais como -(i)dade, (i)dão, -ia, -icie, -ice, (i)tude, -ismo, -ez, -eza, -or, -ura, encontramos a ação do bloqueio, restrições morfológicas como a restrição relativa à categoria da base que leva a R.F.P. a diminuir sua atuação se a base a que ela se aplica puder pertencer a mais de uma classe e a ser altamente produtiva com bases primitivas. Encontramos também restrições fonológicas e semânticas (como a não aplicação da R.F.P aos agentivos) e sugerimos restrições não lingüísticas tais como a utilização apenas coloquial da base; medo do erro e do ridículo, possibilidade e/ou necessidade de analisar a condição intrínseca (a qualidade de X) de algo ou alguém.

Em Travaglia (1992), propusemos uma hipótese de explicação discursiva para a produtividade lexical (para a aplicação ou não das R.F.Ps) que subsumiria os mecanismos elencados no parágrafo anterior, por vê-las como regularidades lingüístico-discursivas, e que daria conta de outros casos que não podem ser explicados por tais mecanismos. Pela hipótese discursiva, então proposta, o aparecimento de novas palavras em uma língua está condicionado ao estabelecimento de novas formações discursivas e campos enunciativos e/ou à modificação destes de modo que se estabeleçam

regularidades que permitam e determinem o aparecimento de novas palavras e também quais palavras não poderão ser formuladas dentro do novo campo enunciativo. Assim, a operação e produtividade das R.F.Ps, propostas pela gramática gerativa transformacional, podem ser explicadas pelas regularidades discursivas e pela ordem do discurso que regulam não só o que pode ser dito, mas principalmente o que não pode ser dito em um campo discursivo e em um domínio associado de enunciados dentro de uma formação discursiva (Travaglia, 1992: 68 e 78).

Em Travaglia (1992), a preocupação era com a produtividade ou não das R.F.Ps. e como as causas propostas para o surgimento de neologismos podiam ser subsumidas à explicação discursiva que propusemos e de que forma a questão das formações discursivas e dos campos enunciativos podia explicar como uma palavra de formação possível por uma R.F.P era vista como aceitável ou inaceitável dentro de certos limites, pois esse limite era o da formação discursiva.. Nesse momento, mostramos alguns fatos sobre a questão do significado das palavras formadas, sobretudo quando o sufixo que entrava na R.F.P. podia ter várias relações de significado com a base.

O objetivo neste artigo é propor que, além da produtividade lexical das Regras de Formação de Palavras, também o significado atribuído ao produto lexical destas regras, isto é, o significado das palavras por elas formadas, depende em proporção considerável de uma exterioridade sócio-histórico-ideológica que se configura em formações discursivo-ideológicas. Para tal, trabalharemos com o significado que terá uma palavra formada por uma Regra de Formação de Palavras por sufixação, quando o sufixo que atua nesta regra puder manter diferentes relações de sentido com a base¹ e com a questão do gênero da palavra formada.

2. *Que significado terá esta palavra?*

2.1- **Alguns conceitos fundamentais**

Estaremos entendendo aqui por formação discursiva, de acordo com Maingueneau (1976) e Orlandi (1987), um conjunto de regras históricas, anônimas, sempre determinadas no tempo e no espaço e que definiram ou definem (numa época, para um segmento social e numa área geográfica) as condições de exercício da função enunciativa. Como diz Foucault (1986: 43-44), quando *“se puder descrever, entre um certo número de enunciados um sistema de*

dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva” “Chamaremos de regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva”. Para Foucault, a formação discursiva é um sistema de formação em que se sustenta e apoia um conjunto de enunciados. Estes são para Foucault uma função da existência dos signos e, a partir deles, se pode, pela análise e pela intuição, saber se os signos fazem ou não sentido, como se sucedem e que ato é realizado pela sua formulação oral ou escrita. Os enunciados seriam uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam com conteúdos concretos no tempo e no espaço. Os enunciados são produzidos na enunciação e pela enunciação entendida esta como o acontecimento sócio-histórico da produção do enunciado. Os enunciados só podem existir uns em relação com os outros e é nessa relação que se estabelece o sentido, os efeitos de sentido. A formação discursiva estabelece, pois, um conjunto de enunciados interrelacionados que constitui o domínio associado de cada um desses enunciados. Se a relação entre os enunciados é que dá o sentido e ela é determinada pela formação discursiva, fica claro que o sentido, os efeitos de sentido obtidos e obteneíveis são produtos da formação discursiva. Assim, o sentido das palavras, que é o que nos interessa aqui, vai depender da ordem do discurso em que elas se inscrevem. Importante também para esta questão é a noção de campo discursivo que, para Maingueneau (1984), é um conjunto de formações discursivas que estão em concorrência e que se interdelimitam.

As regularidades lingüístico-discursivas aparecem nas chamadas formações discursivas e são relações entre elementos lingüísticos discursivamente constituídos. A regularidade lingüística é uma espécie de “cristalização” de um processo discursivo caracterizado por sua exposição ao acontecimento da enunciação, tal como definida acima, mas é uma cristalização que funciona como condição de produção de base e que entra no processo discursivo podendo ser alterada por ele.

2.2 – As R.F.Ps. e os sufixos que nelas atuam

Neste estudo, para evidenciar a natureza e validade de nossa proposta, estaremos trabalhando com as regras de formação de palavras especificadas em (1) e (2) e com os sufixos – ADA e –EIRO nelas especificados. Estes sufixos, conforme levantamentos feitos nas gramáticas tradicionais², podem ter os seguintes sentidos ou relações de significado com a base:

2.2.1) – ADA

- 1) prática da ação ou resultado de ação: laçada, casada (de casar), bocada, pincelada, penada, caçada, chegada, risada, jogada, gargalhada, cartada, trombada (de trombar).

Observe-se que:

- a) a maioria destas palavras pode ser usada com os verbos fazer ou dar: dar uma casada, uma bocada, uma pincelada, uma laçada, uma chegada, uma risada, uma jogada, etc.; fazer uma laçada, uma caçada, jogada;
 - b) algumas apresentam nuances tais como ato ou movimento enérgico ou ligeiro: cartada, saraivada, risada, jogada, gargalhada, lufada;
 - c) algumas indicam ação própria ou característica de: baianada, quixotada, espanholada, quartelada;
- 2) série de atos realizados em um período de tempo³: jornada, noitada, temporada;
 - 3) golpe, ferimento (em que o derivante normalmente indica o instrumento usado para golpear ou ferir): umbigada, cabeçada, palmada, dentada, laranjada, papelada, tigelada, cestada, pincelada, punhalada, facada, navalhada, chibatada, cacetada, purretada, cajadada, paulada, machadada, martelada, pedrada, bicada, chifrada, canivetada, foçada, flechada, enxadada, trombada (de tromba), unhada, ferroada, patada;
 - 4) preparados culinários (comidas, bebidas, doces, produtos alimentares): laranjada, limonada, bananada, macarronada, feijoada, bacalhoada, galinhada, cajuada, cocada, marmelada, goiabada;
 - 5) conjunto (multidão, coleção): boiada, papelada, baianada,

carneirada, meninada, mulherada, ramada, criançada, moçada, rapaziada, garotada, galhada, bugrada, porcada, ossada;

- 6) porção contida em um objeto, “medida ou quantidade que comporta o objeto representado pelo termo derivante” (SAID ALI, 1964:109): colherada, baciada, bocada, garfada, braçada, cestada, batelada, fornada, tigelada, carrada, barcada, carroçada.

2.2.2) – EIRO

Este sufixo normalmente forma:

I – substantivos e adjetivos agentivos e desse significado básico derivam diversos sentidos:

- 1) agentivo:
 - a) de base verbal (com o valor de “que X”, em que X é a ação indicada pelo verbo base): ceifeiro, zombeteiro, beijoqueiro, lisonjeiro, passageiro, aventureiro, bisbilhoteiro, agoureiro;
 - b) de base substantivo (com o valor de “que faz X” onde X é o substantivo base indicando o que é feito. Às vezes, há pequenas variações do sentido básico): fricoteiro, arteiro, bagunceiro, desordeiro, mexeriqueiro, boateiro (que espalha boatos), casamenteiro, cachaceiro (que bebe muita cachaça), farofeiro. Com o sentido de “que gosta de X” temos: doceiro, puteiro, femeeiro, igrejeiro, festeiro, misseiro
- 2) profissão, ocupação, ofício, negócios: pedreiro, bombeiro, carpinteiro, carvoeiro, marreteiro, mineiro, faroleiro, laranjeiro, barbeiro, toureiro, açougueiro, padeiro, sapateiro, peixeiro, carteiro, sineiro, marinheiro, livreiro, boiadeiro, confeiteiro, leiteiro, passarinho, vendeiro, banqueiro, ferreiro, arqueiro, caixeiro, motorneiro, / copeiro(a), doceiro (a), enfermeiro(a) / lavadeira, bordadeira, parteira, rendeira;
- 3) ferramenta ou máquina com que se faz algo, com que se exerce a profissão: calçadeira, empilhadeira, cortadeira, ceifadeira, britadeira, desempenadeira, masseira, batedeira, betoneira;
- 4) o sentido de vegetal (geralmente árvore ou arbusto) que produz X (X= substantivo base indicador do produto) que, segundo Almeida (1978: 394), seria originário da idéia de

agente cuja passagem para a idéia de fonte produtora é natural: cajueiro, laranjeira, abacateiro, pequiizeiro, craveiro, jabuticabeira, mexeriqueira, romãzeiro, roseira, amendoeira, coqueiro, jaqueira, cafeeiro, caquizeiro, mangueira, tamarindeiro, goiabeira, figueira, castanheira, amoreira, feijoeiro.

II - substantivos com um significado relacionado a lugar:

- 1) lugar onde se guardam ou ficam certos animais (SAID ALLI, 1964:110): galinheiro, coelheiro, potreiro, chiqueiro, puleiro, vespeiro, formigueiro, ostreira;
- 2) lugar onde se encontra ou fica determinado tipo de coisa: terreiro, lameiro, palheiro, braseiro, carvoeira;
- 3) lugar onde se faz ou acontece algo: atoleiro, penteadeira, banheira, escarradeira (alguns desses lugares são objetos – Cf. III.1 e 2);
- 4) lugar de onde se extrai algo: pedreira;
- 5) lugar onde se processa algo: madeireira, carvoeira;
- 6) lugar de origem (os adjetivos pátrios): brasileiro, mineiro, campineiro;

4 e 5 podem ser reunidos em um só sentido: lugar onde se produz algo.

III- Há dois sentidos de –eiro que são ligados a objetos, mas que têm a ver com lugar:

- 1) objeto que serve para guardar aquilo que é expresso pelo termo derivante e que, portanto, é o lugar onde se guarda ou coloca tal coisa, lugar continente: cigarreira, açucareiro, manteigueira, paliteiro, saleiro, cinzeiro, compoteira, agulheiro, cafeteira, saladeira, tinteiro, chocolateira, licoreira, chaveiro, fruteira, frasqueira, sopeira, farinheira, sapateira, roupeiro;
- 2) objeto para usar em determinado lugar, normalmente uma parte do corpo: pulseira, perneira, tornozeleira, munhequeira, joelheira, coleira;

IV- substantivos com um significado ligado a sentidos de coletivo, intensidade, aumento, grande massa, acúmulo: berreiro, nevoeiro,

cabeleira, poeira, lameiro, choradeira, ladroeira, catarreira.

2.3 – Exterioridade e sentido

As R.F.Ps. de (1) e (2) prevêm a formação, com o uso dos sufixos **_ADA** e **_EIRO**, de palavras por derivação sufixal, como as especificadas em 2.2.1 e 2.2.2, ou seja, estas palavras têm sua formação prevista por estas R.F.Ps. Todavia, estas R.F.Ps não podem prever que sentido, entre os arrolados anteriormente em 2.2.1 e 2.2.2, a palavra terá ou qual dessas relações de sentido o sufixo manterá com a sua base. No máximo, a regra de formação de palavra dirá que a palavra poderá ter um entre os sentidos anteriormente especificados. A grande questão é, então, o que define qual desses significados/sentidos acontecerá, quando uma palavra se formar por tais R.F.Ps.

Nossa proposta é que o significado que a nova palavra terá entre os possíveis e que a relação de sentido que o sufixo manterá com a base serão selecionados (as) /determinado(a) por uma exterioridade definida pela formação discursiva e o domínio associado de enunciados que ela estabelece e pelo campo discursivo dentro dos quais a formação da palavra acontece. Vamos analisar alguns casos que podem ser tomados como evidência da validade dessa proposta.

Vejamos o caso do sufixo **-EIRO**. Pela listagem de suas possíveis relações de sentido com a base, observa-se logo que ele atua dentro de formações discursivas concorrentes em um campo discursivo: a dos agentivos, a dos lugares e a dos coletivos, sendo que as duas primeiras parecem fundamentais e mais produtivas. Na verdade a observação atenta mostra dois fatos importantes:

- a) que as duas formações especificadas em 2.2.2, na verdade, são antes mega formações ou uma espécie de campo discursivo, com algumas formações discursivas em coexistência e concorrência;
- b) que mesmo os elementos da formação relacionada com a idéia de “lugar” têm, muito freqüentemente, uma relação muito forte com a(s) formações da área de agentivo.

Os quatro sentidos da área de agentivo são basicamente indicação de agentes, todavia, tendo em vista a formação discursivo-ideológica⁴ em que se encaixam, acabam criando palavras com quatro sentidos básicos:

- a) agente [“que X” (X= verbo: ação que é feita), “que faz X” (X= substantivo: coisa que é feita)];
- b) profissão [que trabalha com/em X];
- c) objeto ou máquina [que X (X= verbo: ação que é feita com a máquina) ou que faz X (X= substantivo: coisa que é feita)];
- d) vegetal (árvore, arbusto ou outro) que produz X (X= produto/fruto vegetal)

É fácil perceber que estes quatro sentidos, na verdade, são originários de formações discursivas distintas, criadas historicamente pela sociedade e que estabelecem uma ordem do discurso, uma maneira de ver as coisas do mundo. Assim temos:

- 1) o sentido (a): agente aparece porque a palavra é criada dentro de uma formação discursiva em que a atividade é vista como algo feito por um ser humano e que permite a formulação de enunciados que dizem: “X /fazer X é uma atividade de um ser humano”, “A X/faz X” onde A= ser humano;
- 2) o sentido (b): profissão aparece quando a palavra é criada dentro de uma formação discursiva em que a atividade é vista como algo regularmente feito por um ser humano, mas como trabalho para a subsistência, como atividade para ganhar dinheiro, como atividade inserida dentro das relações de mercado;
- 3) o sentido (c): objeto ou máquina aparece quando a palavra é criada dentro de uma formação discursiva em que a atividade é vista como sendo feita não por um ser humano, mas por um instrumento. Em nossa sociedade não se vêem não humanos e não animados como agentes, então o discursivo cria uma regularidade que transforma estes objetos ou máquinas em instrumentos capazes de “X” ou “de fazer X” sob a regência de um ser humano. Assim, a formulação permitida nesta formação para os enunciados é “A X / faz X com B” onde A é um ser humano, X a atividade ou o produto dela e B o objeto ou a máquina cujo nome é formado por X+ _EIRO pela R.F.P (1) e que é visto(a) como instrumento;
- 4) o sentido (d): vegetal (árvore, arbusto ou outro) aparece

quando a atividade única de produzir X é feita por um vegetal, que nossas formações discursivo-ideológicas não permitem ver como agentes. Daí a ver estes agentivos como fonte produtora e como nome da fonte produtora (um vegetal) seriam passos naturais como propôs Almeida (1978:394).

É interessante observar que estes processos significativos para as palavras formadas por uma R.F.P. com sufixo formador de agentivos atuam também com outros sufixos, como –OR (menos condicionado pelo traço + HUMANO), por exemplo, para o qual teríamos: a) comprador, esbanjador, sofredor, vingador; b) contador, apontador (profissão existente em algumas firmas de construção civil), entalhador; c) triturador, apontador (objeto que faz ponta em lápis), moedor; d) (não encontramos exemplo com _OR para o sentido de vegetal).

Se em 2.2.2 observarmos todas as palavras formadas com –EIRO pela R.F.P. (1), com o sentido básico de lugar, notaremos que quase todos os nomes de lugares assim formados têm a ver com algum tipo de atividade (Cf. em 2.2.2, na indicação dos significados dos elementos sublinhados). Mesmo os adjetivos pátrios com _EIRO, dos quais só nos lembramos de três exemplos, podem muitas vezes ser explicados diacronicamente por terem relação com atividades⁵. Todavia, a formação discursiva, pelo seu viés sócio-histórico-ideológico que determina uma forma de ver as coisas, faz com que se privilegie o sentido de lugar (II) ou de objeto (III).

O quarto sentido básico de –EIRO, que é ligado à idéia de coletivo, quantidade, intensidade, seria dado por uma quarta formação discursiva que não tem a ver com as anteriores, embora “lameiro” traga também a idéia de lugar.

Como se vê, não é possível prever o significado que terá a palavra formada pelo sufixo tendo em vista as várias possibilidades de relação significativa entre o mesmo e a base, a não ser pela especificação da formação discursiva dentro da qual a palavra será formada. Isto é uma regularidade da língua em nível discursivo e não vemos como fazer com que tal fato apareça dentro de uma R. F. P. Ou seja, a R.F.P. prevê a possibilidade de formação da palavra, mas não pode prever qual sentido ela terá quando há várias possibilidades. A R.F.P. pode sim especificar a possibilidade significativa ou as diversas

possibilidades significativas existentes e já “cristalizadas” como regularidades da língua, mas a escolha/ estabelecimento de qual possibilidade será levada em conta, será atuante, só pode ser feita em função da formação discursiva em que o usuário da língua se coloca no momento de operar a R.F.P. Esta hipótese não só dá conta dessa escolha como também do surgimento de novas possibilidades significativas, tendo em vista a modificação de formações discursivas, e/ou de campos discursivos existentes, e/ou a criação de novas formações discursivas, e/ou de novos campos discursivos.

O que dissemos em Travaglia (1992) sobre o sufixo –ADA evidencia também a validade da hipótese aqui defendida, pois entram em concorrência várias formações discursivas e as restrições que elas impõem não só à formação de palavras, mas também ao significado que elas poderão ter.

Com o sufixo –ADA é interessante observar, além da inserção da palavra formada em uma formação discursiva que lhe determina um dado sentido dos vários possíveis, como é que as formações discursivas e seu domínio associado de enunciados que regulam as formulações lingüísticas possíveis impedem a formação de palavras possíveis com determinados significados. Assim, como observamos em Travaglia (1992), embora possível, “criançada”, com sentido de “preparado culinário”, em formulações como as de (3), e com sentido de “golpe”, em formulações como as de (4), não ocorre, porque estas alternativas são bloqueadas pela ordem do discurso estabelecida por formulações como as dos enunciados de (5) que fazem parte do domínio associado de enunciados das formações discursivas que afetam a formação ou não das palavras com um determinado sentido.

- (3) a- João comeu uma criançada ontem.
b- João comeu uma macarronada/bacalhoadada/feijoada ontem.
- (4) a- João levou uma criançada nas costas.
b- João levou uma paulada/facada/chicotada nas costas.
- (5) a- Seres humanos não se alimentam de seres humanos.
b- Não se usam crianças como instrumento para golpear.

Observe-se que (3a) seria possível em uma sociedade antropofágica e (4a) em uma situação em que alguém, por qualquer razão, tenha usado uma criança para golpear, contrariando as normas sociais e de

civilidade. Além de impedir a formulação de determinadas palavras com determinados sentidos potencialmente possíveis pelas R.F.Ps. e estabelecer as relações de sentido possíveis para um dado sufixo, as formações discursivas podem estabelecer sentidos preferenciais. Assim, por exemplo, em uma frase como (6) as pessoas tendem a interpretar “papelada” como um conjunto, uma grande quantidade de papéis, embora seja possível também o sentido de “golpe”, simplesmente porque as formações discursivas em jogo contêm enunciados que dizem algo como “Um papel não é propriamente um instrumento para golpear alguém”. Somente em contextos particulares e especiais alguém verá “papelada” em (6) como um golpe dado com um papel.

(6) João me deu uma papelada.

Uma vez formada a palavra com uma determinada relação de sentido entre a base e o sufixo por força de uma formação discursiva em que ela se insere, ficarão bloqueadas as outras possibilidades. Todavia nem sempre isto ocorre. A simples observação das listas de palavras com cada sentido em 2.2.1 já evidencia que várias das palavras listadas para uma determinada relação de sentido entre a base e o sufixo podem também ter uma outra relação de sentido, constituindo homônimos (veja os termos sublinhados em 2.2.1 e o quadro 1 abaixo). Com frequência a decisão sobre qual sentido se tem fica em função do co-texto e do contexto que mostram qual a formação discursiva que está em jogo.

QUADRO 1 - Sentidos do sufixo -ADA (Cf. 2.2.1)

Palavra	Sentido 1	Sentido 2	Sentido 3	Sentido 4	Sentido 5	Sentido 6
Pincelada	X ⁶		X			
Baianada	X				X	
Espanholada	X				X	
Laranjada			X	X		
Goiabada			X	X		
Papelada			X		X	
Tigelada			X			X
Cestada			X			X
Colherada			X			X
Braçada			X			X
Bocada	X ⁷					X

A formação de uma palavra dentro de uma formação discursiva, com um dado significado do sufixo, pode levar a formas alternativas para os outros sentidos. Muito comum é o uso do sufixo -ADA para indicar “preparado culinário” / “golpe” / “medida” e o sufixo -(A)IADA

para “conjunto” (uso mais popular, coloquial) (Cf. (7)).

- a- goiabada / goiabaiada
- b- cestada / cetaiada
- c- mesada / mesaiada
- d- braçada / braçaiada
- e- bocada / bocaiada

Ainda uma evidência de que o significado da palavra que se forma tem a ver com uma regularidade lingüístico-discursiva estabelecida dentro de uma formação discursiva é a questão do gênero da palavra formada. Se considerarmos o gênero como parte do significado da palavra que se forma veremos que ele depende com grande frequência da formação discursiva. É assim que podemos interpretar os resultados do estudo de Roché (1992), que verificou, para o Francês, que o gênero das palavras formadas por diversos processos depende com frequência do gênero do nome genérico ou hiperônimo que, na verdade, caracteriza um aspecto de uma formação, pois é um aspecto do viés ideológico (no sentido aqui definido – cf. nota 4) pelo qual uma sociedade, em um determinado momento, vê certos elementos do mundo (biopsicofisicossocial). Roché (1992) registra que houve variações na história do Francês, mas que hoje se observa a tendência de que os nomes formados nas áreas abaixo tenham os gêneros indicados em (8).

(8) Nomes de: Gênero

árvores	feminino
metais	masculino
ciências	feminino
frutas	feminino
músculos/ossos/nervos	masculino
veias/ artérias	feminino
doenças	feminino

(exceto os formados com o sufixo _OMA, porque designam mais um objeto: tumor (mioma, carcinoma, etc.)

- na botânica e zoologia os nomes de classificações superiores (gêneros, famílias classes, ordens) de:

plantas	feminino (alopéceas, cactáceas, rosáceas)
animais vertebrados)	masculinos (ovinos, bovinos, muares,

Um exemplo, nesta área que nos parece bastante interessante, é o das profissões. Nesta formação discursiva, a influência da exterioridade é notória: os nomes de profissões sócio-histórica-ideologicamente vistos como de homens são no masculino e dificilmente têm feminino (cf. 9), as de mulher são no feminino e dificilmente têm masculino ou, se o têm, este soa estranho (cf. 10), e as profissões vistas como de ambos os sexos têm os dois gêneros (cf. 11). Como esta é uma formação discursiva atualmente em franca modificação, muitas vezes há flutuações e dúvidas e busca de formas alternativas quando as formas masculinas ou femininas já estão comprometidas com outro sentido.

(9) cabo	*caba	
pedreiro	*pedreira	mulher ^s pedreiro.
piloto	*pilota	mulher piloto
carpinteiro	*carpinteira	
o motorista	? a motorista	motorista mulher

(10) lavadeira	*lavadeiro	lavador
		<i>(mas não de roupas, mas de carros, etc.)</i>
babá	*babá	
secretária	? secretário	
presidente	? presidenta	a presidente
cozinheira	? cozinheiro	chefe de cozinha, mestre cuca
faxineira	? faxineiro	

(11) médico	médica
professor	professora
digitador	digitadora
agricultor	agricultora

Os nomes de profissão formados pelo sufixo -EIRO(A) parecem seguir este padrão. Veja os grupos de nomes que separamos em 2.2.2, sentido 2, que reproduzimos em (12) abaixo. Os nomes de (12a) dificilmente apresentam uma forma com a variante feminina do sufixo, pois são profissões vistas essencialmente como de homens

(às vezes, tem-se a forma feminina, mas com um sentido completamente diferente); as do grupo (12b) apresentam as duas formas por serem vistas como profissões de homens e mulheres e as do grupo (12c) dificilmente apresentam uma forma com a variante masculina por serem vistas como profissões essencialmente femininas.

(12) a) pedreiro, bombeiro, carpinteiro, carvoeiro, marreteiro, mineiro, faroleiro, barbeiro, toureiro, açougueiro, padeiro, sapateiro, peixeiro, carteiro, sineiro, marinheiro, livreiro, boiadeiro, confeiteiro, leiteiro, passarinho, vendeiro, banqueiro, ferreiro, arqueiro, caixeiro, motorneiro;

b) copeiro (a), doceiro (a), enfermeiro (a) ;

c) lavadeira, bordadeira, parteira, rendeira.

Não fizemos um levantamento completo de todas as profissões, nem mesmo daquelas cujo nome é formado com o sufixo -EIRO (A), mas é interessante observar como o número de profissões masculinas é significativamente maior que as femininas e as de exercício indiferente para homens e mulheres. Basta pensar como era a participação das mulheres neste campo, para tomar tudo isto como evidência da influência da exterioridade no significado das palavras formadas pelo sufixo -EIRO(A) através de uma regularidade lingüístico-discursiva.

3. Considerações finais

Os fatos vistos, embora poucos, pareceram-nos suficientes para mostrar a validade da proposta de que o significado que uma nova palavra formada por uma R.F.P. terá entre os possíveis e que a relação de sentido que o sufixo manterá com a base será selecionado(a) / determinado(a) por uma exterioridade definida pela formação discursiva e o domínio associado de enunciados que ela estabelece e pelo campo discursivo dentro do qual a formação da palavra acontece. É evidente que este campo é muito pouco explorado e a hipótese está posta para ser verificada e falsificada, ou não, por estudos que se interessem por resolver esta questão. Parece-nos uma hipótese forte e respaldada por diversas evidências. Constitui-se desse modo um campo de pesquisas que verificará a sua validade e forma de funcionamento para a grande variedade de meios e recursos na formação de palavras em nossa língua, sobretudo aqueles que permanecem produtivos em nossos dias.

NOTAS

- ¹ Aqui temos duas alternativas: a) dizer que temos um sufixo com várias possibilidades significativas ou b) dizer que temos vários sufixos homônimos. A resolução deste ponto não é necessária para a questão em foco, por isso não vamos nos deter neste particular, embora se possa perceber que parece termos os dois casos, conforme os significados/sentidos que têm os sufixos.
- ² Foram consultados os seguintes autores: ALMEIDA (1978), BECHARA (1968), BUENO (1968), CEGALLA (1976), CUNHA (1972), LIMA (1973), LUFT (1976), MELO (1978), SAID ALI (1964 e 1966).
- ³ SAID ALI (1964:109) propõe o sentido de “atos de duração prolongada”
- ⁴ Ideológico aqui no sentido amplo de forma, ou modo, ou viés pelo qual uma sociedade, através de sua história, vê determinado elemento da realidade.
- ⁵ BUENO (1968: 91–92) falando do sufixo EIRO diz: “Por uma alteração semântica, isto é, da significação da palavra, este mesmo sufixo -eiro passou a significar, entre nós, adjetivo pátrio: brasileiro, mineiro, campineiro. Inventaram alguns menos informados destes fatos da lingüística que não se pode dizer brasileiro aquele que nasce no Brasil, mas, brasileiro ou brasiliense... Puro desconhecimento do assunto! A semântica está acima de tudo e quando a palavra muda de significado, muda também de classificação gramatical. Brasileiro era uma profissão, um ofício: tirador de pau/brasil; mas desde que Brasil passou a ser o nome de um país, brasileiro perdeu a sua primitiva significação e passou a indicar, não mais o profissional, e sim, o natural deste país.” Mineiro era o que trabalhava nas minas (e ainda é), mas quando Minas passou a ser o nome do estado, mineiro passou também a adjetivo pátrio. Não temos informação se, no caso de campineiro, houve alguma mudança deste tipo. No caso de brasileiro e mineiro, mudou o sentido, porque mudou a formação discursiva (TRAVAGLIA, 1992).
- ⁶ De pincelar, enquanto que, com o sentido 3, pincelada vem de pincel.
- ⁷ De bocar, enquanto que, com o sentido 6, bocada vem de boca e corresponde a bocado embora este indique porção que se leva à boca e aquela toda quantidade que a boca pode conter.
- ⁸ O uso do termo mulher mostra que ainda é algo estranho, algo que não é próprio deste sexo e, portanto, o gênero feminino aí é estranho, precisando ser marcado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1978.
02. ARONOFF, Mark Word formation in generative grammar. **Linguistic Inquiry** – Monograph one. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 1976.
03. BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.
04. BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1968.
05. BUENO, Francisco da Silveira. **Gramática normativa da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1968.
06. CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1976.
07. CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1972.
08. FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
09. HALLE, Morris “Prolegomena to a theory of word formation”. **Linguistic Inquiry**, 4, 1973: 3-16.
11. LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
12. LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1976.
13. MAINGUENEAU, Dominique. **Initiation aux méthodes de l’analyse du discours; problèmes et perspectives**. Paris: Hachette, 1976.
14. MAINGUENEAU, Dominique. **Genèses du discours**. Bruxelas: Pierre Mardaga, 1984.
12. MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
13. ORLANDI, Eni Pulcinelli **A linguagem e seu funcionamento; as formas do discurso**. Campinas/SP: Pontes, 1987.
14. ROCHÉ, Michel, Le masculin est-il plus productif que le féminin? **Langue Française**, n. 96. Paris: Larousse, p. 113-124, 1992.
15. SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

16. SAID ALI, Manuel. **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
17. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. "Sobre a produtividade da regra de formação de palavras [X]Adj. —> [[X]Adj. + SUFIXO]Subst. no Português". **Anais do IIIº encontro nacional de lingüística**. Rio de Janeiro: Divisão de Intercâmbio e Edições da PUC-RJ, p. 93-169. out./1979.
18. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. "Hipótese de explicação discursiva para a mudança de significado e a formação de palavras". **Letras & Letras**, v.8, n. 2. Uberlândia, EDUFU, p. 51-87, dez./1992.